

RELAÇÕES ENTRE DIALÉTICA E RECORTE CULTURAL

RELATIONS BETWEEN DIALECTS AND CULTURAL CROPPING

Maria Margarida de Andrade
(UPMackenzie)

Resumo: Este trabalho apresenta três partes distintas, porém, intimamente relacionadas: na primeira parte, serão apresentadas as várias concepções de dialética, segundo Platão, Sócrates, Aristóteles, Hegel, Marx e outros. Na segunda parte, será analisado o conceito de *visão de mundo*, segundo a perspectiva de “conjunto de paradigmas” que determina o comportamento humano, na linha de pensamento de Wilhelm von Humboldt. Na terceira e última parte, serão discutidas as relações entre dialética e recorte cultural.

Palavras-chave: comunicação; lexicologia; tradução; contexto cultural; visão de mundo.

Abstract: This paper presents three distinct parts, however closely related: the first part will cover the various conceptions of dialectics: Plato, Socrates, Aristotle, Hegel, Marx and others. The second part will analyze the concept of worldview, from the perspective of set paradigms that determines human behavior, in line of thought of Wilhelm von Humboldt. In the third and last part, discussed relations between dialects and cultural cropping.

Keywords: communication; lexicology; translation; cultural context; worldview.

1. INTRODUÇÃO

No intuito de estabelecer as relações entre *dialética* e *recorte cultural*, faz-se necessário esclarecer os significados de ambos os termos.

A prática da dialética surgiu na Grécia, embora não se saiba ao certo quem foi seu fundador, porém, segundo Platão, o “pai” da dialética teria sido o filósofo Zênon de Eléia. Na Grécia antiga, *dialética* era a “*arte do diálogo*”, cuja tradução literal pode ser “*caminho entre as ideias*” e talvez por esta razão, passou a significar a arte de, no diálogo, demonstrar uma tese.

Desde a Antiguidade, Platão e Aristóteles já se preocupavam com a natureza dos signos, da significação e da comunicação humana. No decorrer do tempo, o conceito de *dialética* foi empregado por diferentes doutrinas filosóficas, assumindo, de acordo com cada uma delas, um significado diferente.

2. CONCEITOS DE DIALÉTICA

Para **Platão**, dialética seria o método mais eficaz de aproximação entre as ideias particulares e as ideias universais ou puras. Já **Sócrates**, que empregava o método discursivo para a propagação de ideias, foi, por este motivo, considerado o fundador da dialética. Segundo **Aristóteles**, o inventor da Lógica, a dialética consistia num processo racional, que levava

em conta a probabilidade lógica das coisas, algo aceitável por todos, ou, pelo menos, pela maioria. Por algum tempo, a dialética foi relegada a um segundo plano, substituída na Lógica pela Matemática. No século XIX **Hegel** retomou as ideias de Platão, e estabeleceu as noções de tese, antítese e síntese e afirmando que “o real é racional e o racional é o real”. Mais atualmente, **Karl Marx**, filósofo alemão, reformulou a concepção de Hegel, porém, Marx fala da Dialética sempre no contexto da luta de classes, de diferentes interesses, que geram a con- tradição. Note-se que o materialismo dialético é uma das bases do pensamento marxista. Para **Kant**, dialética é, na verdade, uma lógica de aparências, uma ilusão, porque se baseia em princípios muito subjetivos.

Em comum a esses pensadores observa-se a concepção da dialética como a união entre forma e conteúdo, para a compreensão da realidade, evidenciando uma lógica atrelada a uma ontologia.

A dialética pode até ser usada no sentido pejorativo, mas é também um modo de filosofar; seu conceito, debatido ao longo dos anos por vários filósofos, sempre põe em relevo o poder da argumentação, ou seja, o poder da palavra. Quando se fala em **palavra**, não se pode deixar de aludir à **Lexicologia**, que é o estudo da palavra em todas as suas dimensões e também em **tradução**, dado o atual estado de globalização em que vivemos.

3. LEXICOLOGIA E TRADUÇÃO

Segundo Jota, p. 190, **Lexicologia** é o estudo da palavra quanto à forma (Morfologia) som (fonologia) e classificação (taxionomia). A Lexicologia e a Lexicografia têm por objeto comum a origem, a forma e a significação das palavras, porém, a Lexicologia estuda essas matérias do ponto de vista científico, enquanto a Lexicografia, que se define comumente como “arte de elaborar dicionários”, tem objetivo prático, utilitário. Lexicologia é a ciência que tem por objetivo o estudo da palavra, em sua estrutura gramatical, morfológica e semântica, ou seja, o estudo científico do léxico. Lexicografia desenvolve um trabalho técnico, é a técnica do tratamento da palavra de compilação, de classificação, da qual resulta a produção de dicionários, glossários e vocabulários. Em outras palavras, Lexicologia classifica-se como uma ciência, Lexicografia, como técnica. Barbosa (1979, p. 165-183) ensina:

As unidades do Léxico são criadas segundo as necessidades e as convenções de um grupo sociocultural e, paralelamente, condicionam a percepção e o conhecimento que os membros desse grupo têm do mundo,

Dialética tem muito a ver com o poder da palavra, ou seja, com a Comunicação, embora não seja a única maneira pela qual esta se realiza. A linguagem, no sentido lato, é a utilização de um sistema de signos de qualquer natureza,

capaz de servir à Comunicação. Destaca-se de todos os sistemas de signos o mais importante e complexo, a linguagem (fala) humana. Segundo a psicologia social, a formação da identidade cultural de um grupo é influenciada pela competência linguística e pelo uso de uma mesma língua. O conhecimento e uso de um sistema de linguagem estão visceralmente ligados ao desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, constituindo-se a própria fonte do desenvolvimento de todos esses fatores. Tão relevante é o papel da linguagem na vida humana que levou Hjelmslev (1975, p. 1), o grande cientista da linguagem, a se expressar do seguinte modo:

A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana.

Modernamente, o estudo da linguagem não se faz isoladamente ou simplesmente como meio de comunicação, mas relacionada a outros aspectos socioculturais de um indivíduo ou de uma comunidade. A comunicação surgiu, provavelmente, da premência que sentiam os homens de trocar ideias e experiências com outros membros do seu grupo, nos estágios mais primitivos da civilização. Dizem Andrade e Henriques (2007, p.15) que “O mundo da

comunicação é vastíssimo, embora seja predominante a ideia da comunicação verbal, falada ou escrita”. Modernamente, a excelência da palavra foi atestada pelo escritor argentino Jorge Luís Borges (2012, p.57), quando, no seu conto *O Espelho e a máscara* afirma, textualmente: “*As proezas mais ilustres perdem o brilho se não forem cunhadas em palavras*”. Ainda hoje, na era da globalização, é a palavra, escrita ou falada, o meio de comunicação por excelência, em que pese à diversidade de línguas. A globalização enfatiza a necessidade da tradução. A globalização traz implícito o ideal de união e confraternização entre os povos, porém, não pode excluir os aspectos particulares da cultura, das línguas, das tradições e costumes de cada povo.

4 VISÃO DE MUNDO E RECORTE CULTURAL

A cultura é um conhecimento adquirido e não se limita a grupos sociais, raciais, étnicos como se cada uma dessas categorias compartilhassem a mesma cultura. Embora a função básica da cultura seja manter a coesão do grupo, resistindo às mudanças trazidas pelos processos econômicos e políticos, internos e externos, a cultura é dinâmica e se transforma no tempo, no espaço ou em contato com outras culturas. Fazem parte da cultura aspectos visíveis e explícitos, como a língua, o modo de trajar, hábitos alimentares, religião e convenções éticas e estéticas, e também aspectos invisíveis, ou implícitos, como o quanto pode alguém atrasar-se, como expressar a dor física, que assuntos e gestos devem ser

evitados numa conversação e outras atitudes que podem ser consideradas rudes ou inconvenientes. Afirma Andrade (CNLF, 2008) que “cada grupo social se identifica por sua cultura, suas tradições e valores, enfim, por sua visão de mundo.” Isso parece explicar cabalmente porque a tradução não se limita a encontrar o equivalente, em outra língua, da palavra que se deseja traduzir. Observa-se que conceitos morais universais e uma filosofia de vida consensual são adaptados à índole e ao modo de vida de cada povo. Isso significa que, para traduzir, é indispensável conhecer a cultura e respeitar a visão de mundo de cada povo. Entende-se por visão de mundo os fatos, as lendas, as experiências que integram o imaginário coletivo e o saber compartilhado dos membros de uma comunidade sociocultural e linguística. A visão de mundo de uma comunidade linguística sociocultural é fator determinante no processo de conversão de um texto, de um universo de discurso para outro, configurando-se uma transcodificação transcultural. A busca de termos equivalentes em outra língua, portanto, é inútil para obter-se transcodificações corretas e eficazes que consigam preservar o sentido do texto, levando em consideração os sistemas de valores e os saberes compartilhados subjacentes ao texto, na cultura de origem, respeitando-se os sistemas de valores e os saberes compartilhados da outra língua. Isto quer dizer que um bom tradutor pode cometer equívocos graves, se ignorar os sistemas de valores e os saberes compartilhados, vale dizer,

os **recortes culturais**, de cada comunidade linguística. Barbosa (2000, p.98-99) diz:

O sentido se apresenta como uma massa e que deve ser analisada de um modo particular em cada uma das línguas, algo que pode ser compreendido como fato de que o sentido é ordenado, formado de modo diverso segundo as diferentes línguas.

A Autora esclarece que o termo *sentido* apresenta, pelo menos, três conteúdos: informação virtual informação tratada e disponível no Sistema e informação contextualizada. Portanto, deduz-se que traduzir não se limita à busca de uma palavra equivalente em outra língua. Segundo Pais (1995, p. 162-181):

Indubitavelmente, no processo de produção das línguas naturais e seus discursos o *léxico* e as unidades lexicais manifestadas configuram-se como um instrumento muito importante da construção e permanente reconstrução da *visão de mundo*, um espaço semiótico privilegiado em que se produzem e se refletem os **recortes culturais**, onde melhor se podem observar os mecanismos de sua constituição e constante reconstituição.

Em outro artigo, o mesmo Autor (PAIS, 1995, p. 181) reafirma a importância do léxico com relação à visão de mundo de um grupo:

Uma tensão dialética e um processo de alimentação e realimentação são sustentados entre o léxico e os sistemas e práticas sociais e culturais. Noutros termos, o



léxico é um instrumento de produção da cultura e, ao mesmo tempo, seu reflexo.

5. DIALÉTICA E RECORTES CULTURAIS: RELAÇÕES

Cada grupo social se identifica por sua cultura, suas tradições e valores, enfim, por sua *Visão de mundo*. Com relação à produtividade léxica e discursiva, assim se manifesta Pais (1995, p. 162-181):

A visão de mundo constantemente reconstruída é o resultado, a cada momento, do funcionamento concomitante e interdependente dos diversos sistemas semióticos que integram a mesma macrossemiótica e da produtividade de seus discursos.

O homem, no interior do universo natural constrói, mediante um processo extremamente complexo, os diferentes universos culturais ou **recortes culturais**. O universo cultural é o continuum amorfo que contém todos os dados de determinada comunidade linguística sociocultural, os conceitos universais, uma espécie de formas comuns a todas as línguas. A língua, portanto, acha-se estreitamente ligada ao universo cultural. O verdadeiro fundador da ideia de que a linguagem e a visão de mundo são inseparáveis, foi o prussiano Wilhelm von Humboldt (1767-1835). Para von Humboldt os componentes da visão de mundo (*weltanschauung*) atuam como paradigmas do comportamento humano. Na ótica desse autor, a visão de mundo é um conjunto de ideias e crenças por meio do qual um indivíduo, grupo ou cultura interpreta o mundo e interage com ele. Um recorte cultural representa, em última análise, o universo cultural e a visão de mundo de



determinada comunidade sociolinguística e cultural. Segundo Sapir (1971, p. 205): “a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas.”

Isto significa que não basta empregar a forma dialética no discurso; é imprescindível que o discurso seja adaptado ao contexto pois, segundo Bakhtin (1979, p. 91) “o sentido da palavra é totalmente determinado pelo contexto”. No dizer de Pais (2005, p.156):

A língua e seus discursos constituem, em conjunto, um processo semiótico. Um processo semiótico *produz, sustenta e reflete* o sistema de valores de uma comunidade humana, o sistema de crenças, o imaginário coletivo o ‘saber compartilhado’ sobre o mundo. Por isso o ser humano é um animal cultural, social e histórico.

O contexto, os saberes do cotidiano, quando valorizados, contribuem, pela diversificação, para a descoberta de percursos diferentes na aquisição de conceitos, na elaboração de habilidades necessárias, na procura de novas formas de organizar as informações adquiridas. Parece adequado finalizar citando Pais (2005, p.156-165):

A língua e seus discursos, juntamente com as semióticas não verbais, conferem a uma comunidade humana: a sua memória social, a sua consciência histórica, a consciência de sua identidade cultural, a consciência de sua permanência no tempo (...). Assim, cada língua, por exemplo, é um instrumento de pensar o mundo.



6. CONCLUSÕES

De tudo o que foi exposto, chega-se às seguintes conclusões:

- A Dialética, conceituada através dos tempos por vários filósofos, enquanto “arte do diálogo” evidencia um ponto comum entre todos eles: todos enfatizam a importância e o poder da palavra, o que possibilita algumas considerações sobre Léxico e Lexicografia, incluindo a Tradução, convertida em necessidade, face ao atual processo de globalização, principalmente cultural, vigente no mundo moderno.
- O conceito de “visão de mundo” foi abordado segundo o pensamento de von Humboldt, que postula ser a *visão de mundo* um conjunto de paradigmas que atuam sobre o comportamento humano. De acordo com as citações de renomados autores, afirma-se que a *visão de mundo* de um grupo sociolinguístico-cultural consiste na reunião de **recortes culturais** por ele adotados. Daí definir-se *visão de mundo* como o conjunto de **recortes culturais** de uma comunidade sociolinguística-cultural.
- As relações entre Dialética e Recortes culturais tornam-se evidentes na medida em que se admite dialética como “arte da palavra” ou “arte da argumentação”, demonstradas as ligações entre as palavras (ou léxico) e os





princípios (recortes culturais) que regem uma comunidade sociocultural e linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. M. “O léxico e os valores da cultura”. *Revista Brasileira de Linguística*, vol.13, n.1. São Paulo: Terceira Margem. 2005. [p. 25-36]

_____. “Discursos Pedagógicos e Identidade Cultural”. *Anais do XII Congresso de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: UERJ, 25 a 28 de agosto de 2008.

ANDRADE, M.M.; HENRIQUES, A. *Língua Portuguesa: Noções básicas para Cursos Superiores*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BARBOSA, M. A. Estruturas e tipologia dos campos conceituais, campos semânticos e campos léxicos. *Acta Semiotica Et Lingvistica*. São Paulo: Plêiade; SBPL, v. 8. 2000 p. 95-120

_____. *Aspectos da produtividade léxica. Língua e Literatura: revista do Departamento de Letras da USP.* , n. 8. São Paulo. 1979. p. 165-183.

BAKHTIN. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Prefácio de Roman Jakobson. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979.

BORGES, J. L. *O livro de areia*. Tradução de Davi Arriguci . São Paulo: MEDIA Fashion 2012. (Coleção Folha. Literatura Ibero Americana, vol.1).

CAMARA Jr. J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CASARES, J. *Introducción a la Lexicografía Moderna*. 3. ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 1992.



HJELMSLEV, L. *Prolegómenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva 1975.

JOTA, Z. dos S. *Dicionário de Linguística*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1981.

PAIS C. T. *Conditions semântico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systemique lexicale et discursive*. 764 p. 1993. Thèse de doctorat d'Etat (Lettres et Sciences Humaines). Lille, Université de Paris IV: Atelier National de Réproduction des Thèses, 1993. 2 t.

_____. O percurso gerativo da enunciação: produtividade léxica e discursiva. *Confluência* – Revista do Departamento de Linguística da UNESP. Assis, UNESP, v. 3, 1995. p.160-181.

_____. Semântica conceitual, processos semióticos, significação discursiva. *Confluência* – Revista do Departamento de Linguística da UNESP. Assis, UNESP, v. 4, 1995. p.175-186.

_____. Do processo de conceptualização da produção lexical e da produtividade discursiva. Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN. FORTALEZA-CE. UFC. *Boletim da ABRALIN* n. 28, v.1, 2001. p. 156-159.

_____. Semiótica das culturas: valores e saberes compartilhados. *Revista Brasileira de Linguística*, vol. 13, n.1 2005b, p. 155-172,

_____. Considerações sobre a Semiótica das culturas, uma ciência da interpretação: identidade, inserção cultural, transcódificações transculturais. *Cadernos do CNLF*, Série X. N. 11. Rio de Janeiro: UERJ, CIFEFIL, 2006.

SAPIR, E. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1954.